

APROPRIAÇÃO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA REVITALIZAÇÃO DE MONUMENTOS HISTÓRICOS

Alexandre Mascarenhas¹, Mônica Godoy², Sara Ferreira Rojas³

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU

Rua Paraíba, 697 - CEP: 30.130-140 - Belo Horizonte – MG - BRASIL

Tel: (+31) 3551.7501 | (+31) 8844.2211

¹afmascarenhas@yahoo.com, ²monicagodoy2007@yahoo.com.br, ³sasifer12@yahoo.com

Tema 2: Patrimônio e Conservação

Palavras-chave: Patrimônio, revitalização, apropriação.

Resumo

Fazer uma intervenção em um patrimônio histórico é uma tarefa muito delicada, pois é fundamental levar em consideração o passado daquele patrimônio (sua história, seu entorno) e também o presente (tempo real da intervenção) tendo em vista o futuro, já que as novas gerações terão acesso a essa herança transformada, e, dela farão uso. Sendo assim, intervir é fazer coincidir o que não se toca, é fazer encontrar passado, presente e futuro. O que marcou uma sociedade, um lugar, uma época pode novamente se fazer presente e esse é de fato o maior bem que se pode legar a um povo. O tema da valorização da apropriação da comunidade local ao bem cultural que sofreu um processo de intervenção é recente e vem sendo discutida como aspecto essencial para seu uso, sua preservação e sua perpetuação. O objetivo desse artigo é analisar dois casos de intervenção em prédios históricos: a Fábrica de Tecidos Santa Bárbara (Brasil) e o Forte de San Carlos Del Apa (Paraguai). O primeiro é uma edificação que apresenta sistema autônomo de madeira e vedação de adobe, e o segundo, alvenaria de pedra e terra. Pretende-se, por meio de uma análise comparativa, avaliar os processos de intervenção bem como os efeitos de apropriação pelas comunidades envolvidas. Serão abordados aspectos ligados ao patrimônio, à restauração, ao homem e à cultura. O propósito é mostrar que para a intervenção ser eficaz é preciso integrar o bem patrimonial à vida da comunidade à qual pertence, atingindo com isso a dimensão material e imaterial, trazendo sustentabilidade cultural baseada na legitimação social. Caso isso não ocorra, a restauração, e, sobretudo, a sua preservação, não terá êxito, ainda que o prédio esteja “pronto”.

1. EPÍGRAFE

“Aquilo que herdaste do teu pai, toma-o como teu e transforma-o” (Freud, 1974)

2. O HOMEM E SUA DIMENSÃO PSICOLÓGICA

O ser humano é formado em sua estrutura psíquica por três registros: Real, Simbólico e Imaginário. Esses três registros estão interligados de forma tal que um não existe sem o outro. Esse conceito produzido pelo psicanalista francês Jacques Lacan (1988) pode ser útil para ajudar a analisar a importância de uma intervenção em um patrimônio histórico. Para que haja de fato uma apropriação do processo e da obra é preciso levar em conta o Real, o Simbólico e o Imaginário dos indivíduos, que formam aquela comunidade. Caso contrário, bons resultados não serão alcançados com a apropriação. De uma forma sucinta, descreveremos cada um desses registros:

Por Real se entende tudo aquilo que não pode ser simbolizado. É uma dimensão corpórea, algo que permeia o Imaginário e o Simbólico e que dá a essas duas outras dimensões o material para existirem. É da ordem do Real a realidade pura em sua dimensão mais desprovida de significados. É um absoluto ontológico, que escapa à percepção do ser, no qual o sujeito se percebe finito, mortal e limitado. Estar cara a cara

com o Real causa horror e angústia. E disso se defende com as roupagens do imaginário e do simbólico.

Por Imaginário se entende todo o arcabouço de fantasias que se constrói para explicar o mundo, os laços sociais, os afetos. Do imaginário de cada sujeito depende o vínculo deste com a comunidade, com as relações e com o ambiente o que se constrói. O que se imagina do mundo é o que existe para um sujeito. E todo o imaginário tem relação com o simbólico e com o real.

Por simbólico se entende todo o conjunto de símbolos que precede o sujeito e no qual ele se forma. É o simbólico que diz de sua língua, de sua cultura, de seus hábitos, de bens, valores, preferências, simpatias e antipatias. O simbólico antecede o sujeito. Está presente antes dele nascer; é o nome que o nomeia e define.

Dessa forma, podemos concluir que a natureza dos homens é a mesma, são seus hábitos que os mantêm separados. E para analisarmos estes hábitos é imprescindível levarmos em conta o que se considerou a respeito do real, do imaginário e do simbólico.

3. O HOMEM E O ESPAÇO PATRIMONIAL

O enfoque dado, geralmente, ao aspecto social nos projetos é de considerar a sociedade local somente como prestadora de serviços e como beneficiária das atividades turísticas, o que de fato não é nada mal, mas ela não é vista como destinatária e usuária desses espaços, dessas propostas e intervenções.

A arquitetura e o espaço são gerados para os homens. Os espaços existem como lugares desde o momento em que são habitados. O lugar sempre é de alguém ou de alguma coisa. As coisas não têm valor por si mesmo; o sentido das coisas para o homem é dado pela relação que ele estabelece com outros elementos do contexto, e, é através do seu olhar e de sua vida, que as coisas adquirem valor. Deve-se compreender que caso o patrimônio não possua “valores sociais”, perde significado para os seus proprietários atuais. Desta forma, esses lugares não serão utilizados com orgulho, e, não receberão o cuidado necessário para sua conservação. Assim, tendem a desaparecer. O espaço por si só não tem substância e seu valor é dado pela existência do homem, na originalidade do seu olhar sobre as coisas.

É fundamental reconhecer estes valores a que estamos nos referindo, e que se relacionam diretamente com o conceito de “Patrimônio Intangível”: informações sobre sua história, (quando foi construído, como era aquela gente que morava no lugar, suas anedotas, seus personagens, seus costumes e quais atividades fazem parte desse patrimônio). Assim como o presente, o passado é fundamental na vida desses lugares e é preciso respeitar toda a sua história.

Esse presente é capaz de complementar e enriquecer o valor do lugar, pois a própria vida permite dinamizar o espaço criando a relação ser – espaço, gerando assim “lugar”. Aceitar esse presente como parte do espaço patrimonial é aceitar esse fluir intenso dos novos tempos; é buscar um ponto comum nos tempos, um passado que ensina num mundo onde as pessoas vivem tudo no imediatismo, no efêmero, na globalização. Essa velocidade de interação; esse intercâmbio de informações nos leva a busca de identidade, de referência de quem somos e onde estamos.

Podemos entender esse “ser,” através do conceito heideggeriano do “Dasein”, que é o ser inserido no mundo - “o ser no mundo”. Para que alguém se considere inserido no mundo, ou em algum mundo, deve possuir certos elementos, que o identifiquem e o referenciem com algo, permitindo-o ter consciência de si mesmo. Isto marca uma identidade, o que em termos gerais se dá basicamente pela relação com o passado e com a apropriação do espaço em que vive, transformando-o em lugar, permitindo ainda, gerar no homem o sentido de ubiqüidade, permitindo marcar, de certo modo, o sentido da sua vida.

Esse “ser no mundo”, nesse mundo cada vez mais veloz, e multicultural, nos convoca a estar frente a frente com o diferente, nos faz refletir na busca da nossa própria identidade, É um desafio a aceitar e compreender os demais.

Tendo em vista a importância do “ser” nos espaços históricos - patrimoniais, tomamos como exemplo duas intervenções feitas em países diferentes, Elas possuem características semelhantes, No entanto, tomaram enfoques diferentes no que se refere ao “aspecto social” do projeto.

4. CULTURA COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE.

Um bem cultural precisa manter sua autenticidade, integridade física e originalidade para registrar sua história ao longo dos tempos.

A história constantemente gira em torno de dois vértices: por um lado a procura incansável do inédito, da novidade e do desconhecido; e por outro lado se tem a eterna volta ao antigo, ao conhecido, a admiração pelos tempos passados, na busca da identidade que nos permite ser parte de alguma coisa.

Esse retorno às raízes conduz a uma valorização do passado, da origem, sentido que marca a condição indispensável para explorar toda a riqueza cultural de um povo. Essa valorização não só atrai mais visitantes aos lugares históricos, mas fundamentalmente permite reforçar a identidade particular desse povo.

É preciso compreender o patrimônio como elemento que marca a identidade de um povo. Ele não só está ligado a um momento histórico, mas também as diversas épocas que fizeram a história do lugar, as quais foram sedimentadas umas sobre as outras. Cada época passada tem sua importância e seu peso na história, e isso deve ser respeitado.

A arquitetura, a produção artesanal, a gastronomia e a música são produtos da inter-relação dos habitantes do lugar com o meio físico e natural e constituem a identidade e o capital cultural do lugar. Se essas produções herdadas, que formam parte da história urbana dos sítios patrimoniais, não contiverem os valores sociais, não terão significado algum para seus habitantes atuais.

5. APROPRIAÇÃO E O LUGAR PATRIMONIAL

Por meio da relação homem – espaço surge o fortalecimento da identidade de cada ser, o qual só é possível, com o surgimento da noção de “apropriação”, que é a forma de tomar pra si algo e sentir-se dono, pois muitas pessoas só se sentem identificadas com um lugar, quando tomam esse local como próprio, como parte da sua história. A casa dos seus avôs, casa dos seus pais, a sua casa, o seu bairro, a sua cidade, o seu país, o “seu lugar”. Este sentido de posse; o “seu” marca a identidade de cada “ser”. A falta desse sentido gera confusão, a ponto de se perder o respeito pelas coisas herdadas dos tempos passados e até dos novos valores do presente.

Pensamos que, para que uma restauração do Patrimônio Histórico não fique só no ato de intervir fisicamente no local, é fundamental, levarmos em conta os fatores, que compõem esse “aspecto social”. Restaurar traz vida a esses espaços e resgata o respeito a todos os que fazem parte dele.

É fundamental considerar os indivíduos que se relacionam com o patrimônio a ser restaurado, pois as mudanças causadas pela intervenção podem afetar de forma positiva ou negativa a vidas das pessoas que habitam o lugar, como também de todas aquelas que já passaram por ele. Nos projetos a serem analisados foram expostos exemplos de integração dessas vidas com o objeto patrimonial.

A Apropriação do lugar pelos diferentes segmentos sociais permitirá manter o valor histórico desses patrimônios, mas também agregarão valores advindos da intervenção. Para que isto se dê com eficácia, é fundamental a educação e a constante difusão do respeito ao passado,

6. ESTUDOS DE CASOS

6.1 Fábrica de tecidos Santa Bárbara

A fábrica de tecidos Santa Bárbara foi inicialmente planejada pelo médico, político e comerciante de diamantes, João da Matta Machado, proveniente de Diamantina. Depois de sua morte, seus filhos e genros criaram uma sociedade para o estabelecimento da fábrica, como forma de honrar e perpetuar a memória do pai, cujo sonho era criar um espaço de trabalho e desenvolvimento para a população local e para a região.

A vila de Santa Bárbara foi fundada no final do século XIX, sendo passagem obrigatória para tropeiros que vinham da Bahia e Norte de Minas em direção a Diamantina, considerada na época a mais importante cidade da região. No final do Império, havia uma política de incentivo à instalação de indústrias próximas a rios com potencial de geração de energia hidráulica. Assim, surgiu a fábrica de tecidos Santa Bárbara e formou-se então, uma vila de operários, hoje distrito do município de Augusto de Lima.

A fazenda de Santa Bárbara, onde foi construída a fábrica de tecidos, possuía terras férteis e era cortada em toda a sua extensão pelo ribeirão da Areia, cujas quedas d'água permitiam a geração de força mecânica capaz de movimentar máquinas possantes.

Nas matas da fazenda existiam boas madeiras de construção, o que contribuiu para o baixo custo da obra. Havia uma grande serra no local de onde foi retirada a pedra necessária para as fundações e também uma extensa mina de argila de boa qualidade.

A construção da Fábrica de tecidos Santa Bárbara foi erguida por meio de uma estrutura autônoma de madeira e vedação em tijolos de adobes. As argamassas foram executadas com barro, fibra natural e areia, técnica local muito difundida nesta época. A edificação em um único pavimento, em estilo colonial, apresenta quinze aberturas de esquadrias e um acesso principal de entrada na fachada frontal, encimada por arco e torre. A cobertura é composta por dois elementos, ambos em quatro águas, sendo que o elemento superior, mais contido e central, buscava também facilitar a ventilação e iluminação do interior da fábrica.

Toda a construção era muito sólida, executada com madeiras de primeira qualidade, sendo 80% do madeiramento executado com “aroeira do sertão”. As obras foram executadas pelos então engenheiros Catão Gomes Jardim e Augusto da Matta Machado.

A localização do edifício, no alto da colina, ressalta e valoriza a imponência e grandiosidade da construção. A vila operária, de influencia de modelos ingleses, segue a curvatura do relevo descendente e é composta por aproximadamente 100 casas, uma capela, um mercadinho, uma farmácia, uma padaria, um campo de esportes e praça central. As construções, padronizadas, se mantêm ainda muito bem conservadas, uma vez que seguem ocupadas pelos funcionários da indústria.

No entanto, o mesmo não pode se dizer do antigo prédio da fábrica, completamente em ruínas. Após a substituição e implantação da fábrica por um novo edifício construído na década de 1950, o abandono e o tempo tornaram-se os maiores vilões desta imponente edificação.

Em 2005, um dos proprietários da fábrica decide transformar as ruínas da antiga fábrica em palco de festival de jazz. O espaço de tempo era curto, então, foi desenvolvido um projeto emergencial de restauração visando somente à higienização e consolidação das estruturas em adobe e tratamento do madeirame.

O processo de restauração se dividiu em duas etapas: conscientização e capacitação da comunidade local e, execução da intervenção propriamente dita. A primeira etapa envolveu a formação de profissionais que habitam a vila operária e que não prestavam nenhum tipo de serviço para a atual fábrica. Critérios de intervenção como a compatibilidade e a permeabilidade de materiais, a conservação máxima do original e a estabilização e preservação da estrutura foram levados em conta. O processo de intervenção durou apenas 60 dias.

O festival de jazz foi realizado com sucesso, atraindo público de variados estados do Brasil. A preservação histórica arquitetônica aliada a programas de gestão cultural e de turismo, quando bem administrados, alcança resultados positivos e, paralelamente, a formação e educação patrimonial de mão-de-obra carente, a revalorização da região como pólo turístico e a sua manutenção, possibilitando a continuidade no processo de restauração e conservação do edifício e em melhorias econômicas e sociais.

6.2 Forte de San Carlos del Apa

O Forte de San Carlos Del Apa está localizado na ponta do Rio Apa, no Departamento de Conceição da Republica do Paraguai, na divisa com o Brasil, a 90 km da margem brasileira, que leva o mesmo nome “San Carlo do Apa”, no Estado do Mato Grosso do Sul.

Este forte surgiu na época da Colônia, como ponto de defesa da Coroa Espanhola quando da invasão à Província do Paraguai por indígenas, especialmente, da etnia dos Mbya e, dos bandeirantes paulistas. Entre 1750 e 1792 estes bandeirantes juntamente com os mamelucos foram avançando lentamente em direção às regiões do Alto Paraguai, Mojos e Chiquitos. A Corte Espanhola deteve este avanço criando tratados e estabeleceu estratégias de defesa na zona de Assunção por meio de uma série de “fortines” e fortes que tiveram vida curta, pela precariedade dos materiais com os quais foram construídos e pela estratégia que consistia em trocá-los de lugar freqüentemente.

Em 1791, foi criada a “Cédula Real”, que ordenava a criação de estabelecimentos de defesa nas margens do Rio Paraguai. Os fortes, presídios e povoados que constituíam a linha defensiva, situavam-se ao longo do Rio Paraguai e do Rio Apa onde foi fundado um dos primeiros e mais importantes fortes: Forte de São Carlos Del Apa. Foi então enviada uma expedição com setenta homens, sob o comando de Don José Bolaños. O Forte foi construído segundo instruções dadas pelo Governador. Sua primeira edificação foi realizada no ano 1794 com materiais bastante precários como “*estacas de rollizo*” e barro.

Devido ao mau estado em que se encontrava e o contínuo ataque dos portugueses, no dia 26 de maio de 1802, foi ordenado uma nova construção no outro lado da margem do rio, mantendo semelhanças dos aspectos construtivo e estilístico.

Já em 1823, ocorreram obras no forte durante o governo de Dr. Francia, sendo esta a segunda reconstrução, a qual foi executada com materiais mais duradouros, como alvenaria de pedras, tijolos e telhas. Toda a reconstrução durou um ano.

Em 1980, o Ministério de Defesa Nacional do Governo Paraguai encomenda obras de restauração para o forte. O trabalho, apesar de não contar com suporte de especialistas, foi realizado por um dos mais renomados historiadores do Paraguai, Carlos Alberto Pusineri Scala. A intervenção consistiu basicamente na limpeza mecânica do espaço, que com o passar do tempo, ficou praticamente escondido pela vegetação local. Foram ainda executados trabalhos de consolidação dos muros, que já apresentavam em avançado estado de degradação, quase em ruínas. Esta intervenção permitiu conservar o sentido original da edificação.

No entanto, em 2007, o Forte sofreu uma nova intervenção, conhecida como “Restauração e valorização do Forte de San Carlos do Rio Apa”, com apoio da Secretaria Nacional de Turismo e da Secretaria Técnica de Planejamento do Governo do Paraguai juntamente com a Agência Espanhola de Cooperação Internacional - AECI.

O recurso utilizado foi de 120.000 dólares americanos, o qual buscou integrar o sítio histórico a um circuito de interesse turístico, que justificasse o acesso de visitantes, pois a localização do mesmo é bastante isolada, e, além disso; para alcançar o local é preciso um grande esforço, não só pela distância, mas também pela falta de infra-estrutura viária e hoteleira.

Os critérios de restauração foram bem definidos na primeira parte do projeto, no entanto as estratégias de valorização da comunidade local não estavam muito claras. O técnico responsável da AECI propôs colocar em prática o conceito dos “paradores nacionais espanhóis”, instalados em antigos castelos e fortificações transformando-os em centros turísticos, proporcionando assim um viver físico e espiritual do sítio histórico, podendo contar ainda com um museu, auditório e hospedagem.

Os trabalhos foram executados por uma construtora, que não era especializada em restauração, que, no entanto havia ganhado a licitação pública.

6.3 Análise comparativa – aspectos da intervenção e apropriação

Nos dois casos ficam claros certos elementos que foram importantes para a revitalização dos lugares e também sua apropriação pelas pessoas da comunidade.

De um lado temos a “Fábrica de Tecidos Santa Bárbara”, que é um projeto, no qual participaram os “herdeiros” da memória histórica do lugar. Foi realizado um trabalho de educação patrimonial e de resgate das técnicas construtivas – adobe - com a população local. É fundamental salientar que a educação é um meio de propagação de informação, de valores; pois os futuros trabalhadores compartilharão e transmitirão seus conhecimentos às suas famílias e aos membros da comunidade. Dessa forma, a história que é marcada fortemente pelo componente emocional, relacionada diretamente à identidade do povo, cumpre seu papel através do conhecimento e compreensão do passado e posterior valorização do presente e do futuro; o fato de conhecer e compreender este passado nos permite dar valor às coisas.

De outro lado temos o “Forte de São Carlos” onde os trabalhos foram realizados por pessoas estranhas ao lugar. Técnicos estrangeiros realizaram o projeto sem levar em consideração muitos elementos, que faziam parte da identidade do local. Não houve a preocupação de implementar algum tipo de programa de educação que permitisse integrar os povos vizinhos ao sítio histórico e, a mão-de-obra foi trazida de outras cidades do país, que não apresentavam nenhuma relação com a região onde está localizado o Forte. Estes aspectos reforçaram o sentido comercial do projeto, deixando de lado elementos associados ao patrimônio cultural e social.

Considerando a importância do significado das coisas para as pessoas, a educação é fundamental para o conhecimento, compreensão e aceitação da sua própria realidade. Não se ama o que não se conhece. Sendo assim, torna-se essencial que as pessoas do lugar conheçam sua história, que valorizem seu patrimônio, que cuidem dele e “exijam” que ele seja preservado.

Levando em conta a dimensão psicológica do homem, um sujeito nascido no Brasil, em Minas Gerais, no século XIX, que trabalhou na Fábrica de Tecidos Santa Bárbara possuía um Real, um Imaginário e um Simbólico, que o definia e o caracterizava sendo necessário serem levados em consideração, para que se compreenda sua versão da realidade. Sendo assim, estes elementos foram considerados ao planejar uma intervenção na ruína da mesma Fábrica de Tecidos Santa Bárbara no século XXI. Já no Forte de San Carlos do Rio Apa, a realidade não deveria ser outra. No entanto, pode-se observar que nenhum destes aspectos foi considerado na intervenção. Dessa forma, as pessoas da comunidade não se sentem envolvidas e a apropriação não acontece.

Nos trabalhos realizados na Fábrica de Tecidos Santa Bárbara, a educação foi direcionada para o aspecto da formação profissional. As pessoas que efetuaram a restauração eram habitantes do lugar, que foram devidamente preparados e envolvidos, sendo esta, uma maneira de conseguir a interação das pessoas do lugar com o objeto a ser restaurado.

Outro aspecto relevante da intervenção, na Fábrica de Tecidos Santa Bárbara, diz respeito ao valor agregado ao patrimônio nos dias de hoje. O respeito ao passado cria um presente, que valoriza e potencializa a História. Segundo Martin Heidegger, o limite não é onde uma coisa termina, mas onde uma coisa dá início a sua essência.

Essa essência do lugar diz respeito ao “ser” que nele habita, por meio da nostalgia dos homens que lutaram para construir um futuro melhor, não só para suas famílias, como também para seu povo.

Na Fábrica de Tecidos Santa Bárbara, foi proposta uma nova atividade, que permitisse resgatar esses valores, que ressaltasse a beleza e a importância do lugar dentro de um novo tempo, de uma nova história: um “Festival de Jazz” anual.

A associação de moradores da comunidade local agrega contadores de contos, de causos, recitadores de poesias; músicos, atores que complementam e enriquecem o festival, gerando assim a possibilidade de intercâmbio cultural dos costumes locais e de outras comunidades vizinhas a Santa Bárbara. Dessa forma, gera-se uma relação direta dos habitantes do lugar com o seu patrimônio e o resultado pode ser observado não somente pela produção de conhecimento, como também pelo despertar de novos interesses, pela renovação das atividades cotidianas e pelas novas possibilidades de atuação.

Os valores naturais do lugar são elementos que marcam sua história e ressaltam o seu valor. Estes aspectos são considerados no projeto de intervenção, pois este não visa apenas o espaço feito pelo homem, mas também o entorno - meio natural -, no qual ele se integra. Outro elemento importante no espaço patrimonial é o turismo. Ele é um dos focos principais deste projeto, por ser uma das fontes geradoras de recursos do lugar.

Por outro lado, temos O “Forte de São Carlos do Apa”, na fronteira entre o Paraguai e o Brasil. Pela descrição feita anteriormente, podemos perceber a importância que pode ter para a revitalização de um lugar a relação deste com os diferentes “aspectos sociais”, que podem contribuir para sua verdadeira restauração.

Foi realizado neste local um projeto, que não se encontrava em consonância com a realidade do lugar. A proposta inicial poderia ter alcançado sucesso, pois as características são bastante parecidas com as da Fábrica de Tecidos Santa Bárbara, afinal ambas se localizam no interior do país, com acesso difícil, perto de um povoado e possui uma riqueza natural. Estas características poderiam ser integradas ao projeto de revitalização, no entanto ele foi realizado de uma forma isolada do contexto, de maneira completamente comercial e formal.

A proposta de transformar o Forte em hotel não veio acompanhada de projetos complementares que atraíssem as pessoas locais e não somente turistas; portanto, a relação com os habitantes da região não existiu. O espaço, apesar da sua história, não foi valorizado pelos novos proprietários assim como o imaginário do local não foi considerado. Novas atividades que o adaptassem ao presente de maneira a reforçar sua identidade não foram propostas. A intervenção também não condicionou a educação e a informação como forma de incentivar a visita do local. A falta de identificação do local pela comunidade contribuiu para a não divulgação deste e conseqüentemente seu abandono.

A intervenção espacial do Forte foi concluída de acordo com os planejamentos e desejos do novo proprietário, no entanto a restauração da vivência do lugar não foi resgatada. Os costumes e os interesses em relação à população local foram sublimados. Esta população se tornou meramente receptora da obra, que sem saber o que fazer exatamente com ela, rejeitou-a pacificamente, deixando-a abandonada.

Percebe-se, portanto que neste caso ocorreu somente a renovação física do espaço, e que a sua “essência” foi perdida ao longo do processo de intervenção. Perderam-se suas

virtudes, seus atrativos, e seu encanto de passado em relação às pessoas locais no presente.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel fundamental de uma intervenção, seja qual for a sua natureza, é renovar a vida das pessoas e desta maneira, a vida desses lugares, criando sempre uma relação direta com a comunidade local e adjacências.

É necessário considerar os “aspectos sociais” e as relações dos habitantes do lugar na intervenção patrimonial, como elementos fundamentais para esta reabilitação. No entanto, é necessário questionar a importância da conservação do lugar no seu estado original, tendo em vista o conceito de apropriação. Esse termo “original” pode ser considerado em diversos aspectos, a ponto de permitir que um edifício seja mantido apenas como ruínas. As ruínas representam certos momentos marcantes da história e por isso mesmo, devem ser mantidas como estão. Assim cabe-nos questionar se tem sentido mantermos edifícios em pé só como obra-de-arte para serem observados.

Intervir num espaço é muito mais que manter um edifício em pé, é poder revitalizar; é inserir nesses espaços uma nova vida.

É relevante termos critérios de intervenção adequados, que respeitem e sejam apropriados às técnicas a serem utilizadas, mas também é de fundamental importância levar em consideração o Imaginário, o Real e o Simbólico da sociedade local, pois talvez ela não seja a herdeira física, mas certamente é a proprietária da memória, do patrimônio histórico.

A arquitetura é mais que criar formas e funções; possui o poder de enriquecer o existente e direcionar um novo acontecer na vida dos seres humanos, Ela permite incorporar as construções ao mundo de uma forma distinta do modo cotidiano de viver, produzindo melhores lugares para melhores cidadãos.

Educar uma população para que se possa respeitar e reverenciar seus antepassados, é uma questão de sobrevivência. Esse respeito se estende por bens materiais e imateriais. Transmitir um saber fazer com os objetos, com as técnicas, é fundamental para que essa educação seja de fato efetiva.

Daí a importância de todos cuidarmos da preservação do patrimônio – afinal *pater monio* – mundo do pai. Se não cuidarmos do mundo do pai o que vamos deixar para o mundo do filho?

Bibliografia

Freud, Sigmund (1974). *Mal-Estar na Civilização* In. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Heiddeger, Martin. *A origem da obra de arte*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Ed.:Edições 70. 1991. Tradução: Maria da Conceição Costa.

Lacan, Jacques (1988). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Laplanche, J. e Pontallis, J.-B (1986). *Vocabulário de Psicanálise*. Martins Fontes, 9a edição.

Laraia, Roque de Barros (2009). *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Mascarenhas, Alexandre F (2005). *Consolidação emergencial das estruturas de adobe das ruínas da antiga fábrica de tecidos Santa Bárbara*. In Anais: 4- Congresso Internacional sobre o comportamento de estruturas danificadas - DAMSTRUC. João Pessoa.

Nesbitt, Kate (Org.) (2006). *Uma nova agenda para arquitetura: Antologia Teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify. 154p.

Curriculum

Alexandre Mascarenhas: Arquiteto (FAMIH, 1991 – Belo Horizonte, MG, Brasil), Mestrado em *Patologias de estuques ornamentais e estruturais em edificações históricas* (UFF, 2004 – Niterói, RJ, Brasil). Doutorando em Arquitetura (UFMG, 2009). Professor efetivo do Curso Superior em Tecnologia de Conservação e Restauração de Imóveis (IFMG - Ouro Preto, MG, Brasil). Coordena e executa obras e projetos de restauração e revitalização de bens imóveis e móveis. Possui livros e artigos publicados na área de restauro de ornamentos e obras de conservação.

Mônica Godoy: Psicóloga e psicanalista (FUMEC, 1990 – Belo Horizonte, MG, Brasil), especialização em *Psicanálise* (Escola Brasileira de Psicanálise, 1998). Mestranda em Arquitetura (UFMG, 2009). Consultório particular desde 1990 com atendimento a crianças e adultos dentro de uma orientação lacaniana. Trabalha junto a uma Associação de meio ambiente onde são desenvolvidas ações com a comunidade da Serra da Moeda associadas ao patrimônio imaterial.

Sara Ferreira Rojas: Arquiteta (Universidade Nacional de Assunção, 2003 - Paraguai), especialização em *Conservação do patrimônio Cultural* (Universidade Nacional de Assunção, 2003 - Paraguai). Mestranda em Arquitetura (UFMG, 2009). Realizou trabalhos na área de inventário, catalogação, projetos e obras como assistente técnica em Assunção - Paraguai.